

EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE

SIGMUND FREUD

Com os Comentários e Notas de James Strachey

Prefácio especial para a edição brasileira de
ANNA FREUD

VOLUME XIII (1913-1914)

TOTEM E TABU E OUTROS TRABALHOS

Traduzido do Alemão e do Inglês, sob a Direção-Geral de
JAYME SALOMÃO

Membro-Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Membro da Associação Psiquiátrica do Rio de Janeiro. Membro da Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo da Guanabara.

Tradução de
ORIZON CARNEIRO MUNIZ

Revisão Técnica de
LEÃO CABERNITE
Presidente da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro

IMAGO EDITORA LTDA.
• Rio de Janeiro

ZUR PSYCHOLOGIE DES GYMNASIASTEN

(a) EDIÇÕES ALEMÃS:

- 1914 Em *Festschrift*, celebrando o 50º aniversário de fundação do K. k. Erzherzog-Rainer Realgymnasium (Outubro).
1926 *Almanach*, 1927, 43-6.
1928 *G. S.*, 11, 287-90.
1935 *Z. psychoanal. Pad.*, 9, 307-10.
1946 *G. W.*, 10, 204-7.

(b) TRADUÇÃO INGLESA:

'Some Reflections on Schoolboy Psychology'.

A presente tradução, de James Strachey, aparece agora pela primeira vez e, ao que se sabe, é a primeira a ser publicada.

Dos 9 aos 17 anos (1865-1873), Freud estudou em Viena no 'Leopoldstädter Kommunal-real-und Obergymnasium', popularmente conhecido como o 'Sperlgymnasium', por sua localização na Sperlgasse. Seu nome foi posteriormente mudado para 'K. k. Erzherzog-Rainer Realgymnasium'. Este artigo foi escrito para um volume coletivo em comemoração ao 50º aniversário de fundação do colégio. Numa carta a um colega de escola, escrita por Freud em 16 de junho de 1873 (*Int. Z. Psychoanal. Imago*, 26, (1941), 5), ele descreve seu último exame nessa escola. Refere-se em particular ao ensaio mencionado neste artigo (pág. 285) sobre a escolha de uma profissão, pelo qual recebeu uma distinção.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A PSICOLOGIA ESCOLAR

Temos uma sensação esquisita, quando, já na idade madura, mais uma vez recebemos ordem de fazer uma redação escolar. Mas obedecemos automaticamente, como o velho soldado que, à voz de 'Sentido!', deixa cair o que tiver nas mãos e se surpreende com os dedos mínimos apertados de encontro às costuras das calças. É estranho como obedecemos às ordens prontamente, como se nada de particular houvesse acontecido no último meio-século. Mas, na realidade, ficamos velhos nesse intervalo, estamos às vésperas de nosso sexagésimo aniversário e as nossas sensações físicas, bem como o espelho, mostram inequivocamente quanto a vela de nossa vida já se queimou.

Talvez há dez anos atrás, pudéssemos ter tido ainda momentos em que, de repente, nos sentíamos novamente jovens. Caminhando pelas ruas de Viena — já de barbas grisalhas e vergados por todas as preocupações da vida familiar — podíamos encontrar inesperadamente algum cavalheiro idoso e bem conservado, ao qual saudávamos quase humildemente, porque o reconhecêramos como um de nossos antigos professores. Mas depois parávamos e refletíamos: 'Seria realmente ele? Ou apenas alguém muito semelhante? Como parece jovem! E como estamos velhos! Que idade poderá ter hoje? Será possível que os homens que costumavam representar para nós protótipos de adultos, sejam realmente tão pouco mais velhos que nós?'

Em momentos como esse, costumava achar que o tempo presente parecia mergulhar na obscuridade e os anos entre os dez e os dezoito surgiam dos escaninhos da memória, com todas as suas conjecturas e ilusões, suas deformações dolorosas e seus incentivadores sucessos — meus primeiros vislumbres de uma civilização extinta (que, no meu caso, deveria trazer-me tanta compensação quanto tudo o mais nas lutas da vida), meus primeiros contatos com as ciências, entre as quais me parecia aberta a escolha daquela à qual dedicaria os meus indubitavelmente inestimáveis serviços. E pareço relembrar que, durante todo esse tempo, tinha a premonição de uma tarefa futura, até que esta encontrou expressão manifesta na minha redação de despedida

da escola, como um desejo de que pudesse, no decurso de minha vida, contribuir com algo para o nosso conhecimento humano.

Mais tarde tornei-me médico — ou antes, psicólogo — e pude criar uma nova disciplina psicológica, conhecida como 'psicanálise', que desperta atualmente um interesse excitado e é acolhida com louvores e ataques por médicos e investigadores de países vizinhos e terras distantes e estrangeiras — menos, naturalmente, em nosso próprio país.

Como psicanalista, estou destinado a me interessar mais pelos processos emocionais que pelos intelectuais, mais pela vida mental inconsciente que pela consciente. Minha emoção ao encontrar meu velho mestre-escola adverte-me de que antes de tudo, devo admitir uma coisa: é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres. É verdade, no mínimo, que esta segunda preocupação constituía uma corrente oculta e constante em todos nós e, para muitos, os caminhos das ciências passavam apenas através de nossos professores. Alguns detiveram-se a meio caminho dessa estrada e para uns poucos — porque não admitir outros tantos? — ela foi por causa disso definitivamente bloqueada.

Nós os cortejávamos ou lhes virávamos as costas; imaginávamos neles simpatias e antipatias que provavelmente não existiam; estudávamos seus caracteres e sobre estes formávamos ou deformávamos os nossos. Eles provocavam nossa mais enérgica oposição e forçavam-nos a uma submissão completa; bisbilhotávamos suas pequenas fraquezas e orgulhávamo-nos de sua excelência, seu conhecimento e sua justiça. No fundo, sentíamos grande afeição por eles, se nos davam algum fundamento para ela, embora não possa dizer quantos se davam conta disso. Mas não se pode negar que nossa posição em relação a eles era notável, uma posição que bem pode ter tido suas inconveniências para os interessados. Estávamos, desde o princípio, igualmente inclinados a amá-los e a odiá-los, a criticá-los e a respeitá-los. A psicanálise deu o nome de 'ambivalência' a essa facilidade para atitudes contraditórias e não tem dificuldade em indicar a fonte de sentimentos ambivalentes desse tipo.

A psicanálise nos mostrou que as atitudes emocionais dos indivíduos para com outras pessoas que são de tão extrema

importância para seu comportamento posterior, já estão estabelecidas numa idade surpreendentemente precoce. A natureza e a qualidade das relações da criança com as pessoas do seu próprio sexo e do sexo oposto, já foi firmada no primeiros seis anos de sua vida. Ela pode posteriormente desenvolvê-las e transformá-las em certas direções, mas não pode mais livrar-se delas. As pessoas a quem se acha assim ligada são os pais e os irmãos e irmãs. Todos que vem a conhecer mais tarde tornam-se figuras substitutas desses primeiros objetos de seus sentimentos. (Deveríamos talvez acrescentar aos pais algumas outras pessoas como babás, que dela cuidaram na infância.) Essas figuras substitutas podem classificar-se, do ponto de vista da criança, segundo provenham do que chamamos as 'imagos' do pai, da mãe, dos irmãos e das irmãs, e assim por diante. Seus relacionamentos posteriores são assim obrigados a arcar com uma espécie de herança emocional, defrontam-se com simpatias e antipatias para cuja produção esses próprios relacionamentos pouco contribuíram. Todas as escolhas posteriores de amizade e amor seguem a base das lembranças deixadas por esses primeiros protótipos.

De todas as imagens (imagos) de uma infância que, via de regra, não é mais recordada, nenhuma é mais importante para um jovem ou um homem que a do pai. A necessidade orgânica introduz na relação de um homem com o pai uma ambivalência emocional que encontramos expressa de forma mais notável no mito grego do rei Édipo. Um rapazinho está fadado a amar e a admirar o pai, que lhe parece ser a mais poderosa, bondosa e sábia criatura do mundo. O próprio Deus, em última análise, é apenas uma exaltação dessa imagem do pai, tal como é representado na mente durante a mais tenra infância. Cedo, porém, surge o outro lado da relação emocional. O pai é identificado como o perturbador máximo da nossa vida instintiva; torna-se um modelo não apenas a ser imitado, mas também a ser eliminado para que possamos tomar o seu lugar. Daí em diante, os impulsos afetuosos e hostis para com ele persistem lado a lado, muitas vezes, até o fim da vida, sem que nenhum deles seja capaz de anular o outro. É nessa existência concomitante de sentimentos contrários que reside o caráter essencial daquilo que chamamos de ambivalência emocional.

Na segunda metade da infância, dá-se uma mudança na relação do menino com o pai — mudança cuja importância não pode ser exagerada. De seu quarto de criança, o menino começa a vislumbrar o mundo exterior e não pode deixar de fazer descobertas que solapam a alta opinião original que tinha sobre o pai e que apressam o desligamento do seu primeiro ideal. Descobre que o pai não é o mais poderoso, sábio e rico dos seres; fica insatisfeito com ele, aprende a criticá-lo, a avaliar o seu lugar na sociedade; e então, em regra, faz com que ele pague pesadamente pelo desapontamento que lhe causou. Tudo que há de admirável, e de indesejável na nova geração é determinado por esse desligamento do pai.

É nessa fase do desenvolvimento de um jovem que ele entra em contato com os professores, de maneira que agora podemos entender a nossa relação com eles. Estes homens, nem todos pais na realidade, tornaram-se nossos pais substitutos. Foi por isso que, embora ainda bastante jovens, impressionaram-nos como tão maduros e tão inatingivelmente adultos. Transferimos para eles o respeito e as expectativas ligadas ao pai onisciente de nossa infância e depois começamos a tratá-los como tratávamos nossos pais em casa. Confrontâmo-los com a ambivalência que tínhamos adquirido em nossas próprias famílias e, ajudados por ela, lutamos como tínhamos o hábito de lutar com nossos pais em carne e osso. A menos que levemos em consideração nossos quartos de crianças e nossos lares, nosso comportamento para com os professores seria não apenas incompreensível, mas também indesculpável.

Como escolares, tivemos outras e um pouco menos importantes experiências com os sucessores de nossos irmãos e irmãs — nossos colegas de escola — mas estas devem ser descritas em outra oportunidade. Numa comemoração do jubileu de nossa escola, é aos professores que nossos pensamentos devem ser dirigidos.

[Os títulos de livros e periódicos aparecem em grifo; os títulos dos artigos, entre aspas simples. As abreviações seguem a *World List of Scientific Periodicals* (Oxford, 1950). As outras abreviações utilizadas neste volume serão encontradas na relação ao final desta bibliografia. Os números grifados referem-se a volumes; os números comuns a páginas. Os números entre parênteses ao fim de cada título indicam a página, ou páginas deste volume em que a obra em questão é mencionada. No caso dos verbetes de Freud, as letras ligadas às datas de publicação, estão de acordo com os verbetes correspondentes da bibliografia completa das obras de Freud, a ser incluída no último volume da *Standard Edition*.

Quanto a autores não técnicos, e autores técnicos dos quais nenhuma obra específica é mencionada, ver o Índice Analítico Geral.]

- ABEL, K. (1884) *Der Gegensinn der Urworte*, Leipzig (176).
- ABRAHAM, K. (1911) 'Über die determinierende Kraft des Namens', *Zbl. Psychoanal.*, 2, 133 (56).
(1914) 'Über Einschränkungen und Umwandlungen der Schaulust bei den Psychoneurotikern', *Jb. Psychoanal.*, 6, 25 (127).
[Trad.: 'Restrictions and Transformations of Scopophilia in Psycho-Neurotics', *Selected Papers*, Londres, 1927, Cap. IX.]
- ATKINSON, J. J. (1903) *Primal Law*, Londres, Incluído em LANG, A., *Social Origins* (126, 142).
- AVEBURY, Lord. Ver LUBBOCK, J.
- BACHOFEN, J.J. (1861) *Das Mutterrecht*, Stuttgart (144).
- BASTIAN, A. (1874-5) *Die deutsche Expedition an der Loango-Küste* (2 vols.), Jena (45, 47).
- BATCHELOR, E. (1901) *The Ainu and their Folk-Lore*, Londres (80).
- BLEULER, E. (1910) 'Vortrag über Ambivalenz' (Berna). Comunicação em *Zbl. Psychoanal.*, 1, 266 (29).
- BLUMENTRITT, F. (1891) 'Über die Eingeborenen der Insel Palawan', *Globus*, 59, 181 (53).
- BOAS, F. (1888) 'The Central Eskimo', *Sixth Ann. Rep. Bur. Amer. Ethn.*, 399 (58).
(1890) 'Second General Report on the Indians of British Columbia', *Report of Sixtieth Meeting of the British Association*, 562 (53).
- BOTTO, C. (1883) *Leonardo, Michelangelo, Andrea Palladio*, 2ª ed., Milão (214).